EDUCAÇÃO E FENOMENOLOGIA: A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES ACERCA DO *BULLYING* NA ESCOLA

EDUCATION AND PHENOMENOLOGY: THE PERCEPTION OF ADOLESCENTS ABOUT BULLYING AT SCHOOL

EDUCACION Y FENOMENOLOGIA: LA PERCEPCION DE LOS ADOLESCENTES SOBRE *BULLYING* EN LA ESCUELA

Elcio Rezek Leopoldino ¹

Luiz Anselmo Menezes Santos ²

Iraquiton Oliveira Caminha³

Resumo: O presente artigo tem como propósito descrever as narrativas de adolescentes acerca da percepção do fenômeno *bullying* na escola, aproximando a perspectiva filosófica da fenomenologia de Merleau-Ponty com o campo educacional. A importância dessa investigação está em valorizar a percepção de cada investigado sobre o fenômeno *bullying* e suas implicações sobre o mundo vivido, considerando à sua existência, suas relações consigo mesmo, com o outro e com o meio. Concluiu-se com a pesquisa que os adolescentes percebem o *bullying* como um problema muito ruim que gera dor e sofrimento. Os adolescentes se veem sós quando passam pela situação de *bullying*. Explicitaram a necessidade de formar grupos de amigos para que possam se ajudar e, dessa maneira, criar uma rede de proteção e reação contra o fenômeno do *bullying*.

Palavras-chave: Adolescente. *Bullying*. Educação. Fenomenologia.

Abstract: The purpose of this article is to describe the narratives of adolescents about the perception of the bullying phenomenon at school, approaching the philosophical perspective of Merleau-Ponty's phenomenology with the educational field. The importance of this investigation is to value the perception of each person investigated about the bullying phenomenon and its implications for the lived world, considering its existence, its relations with itself, with the other and with the environment. It was concluded with the research that adolescents perceive bullying as a very bad problem that generates pain and suffering. Adolescents find themselves alone when they experience bullying. They explained the need to form groups of friends to help each other and, thus create a network of protection and reaction against the bullying phenomenon.

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil

² Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

³ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Keywords: Adolescent. Bullying. Education. Phenomenology.

Resumen: *Este artículo tiene como objetivo describir las narrativas de adolescentes sobre la percepción del fenómeno del bullying en la escuela, aproximando la perspectiva filosófica de la fenomenología de Merleau-Ponty con el campo educativo. La importancia de esta investigación es valorar la percepción de cada investigado sobre el fenómeno del bullying y sus implicaciones en el mundo vivido, considerando su existencia, sus relaciones consigo mismo, con el otro y con el medio ambiente. Se concluyó con la investigación que los adolescentes perciben el bullying como un problema muy grave que genera dolor y sufrimiento. Los adolescentes se ven solos cuando experimentan el bullying. Explicaron la necesidad de formar grupos de amigos para que puedan ayudarse mutuamente y, por lo tanto, crear una red de protección y reacción contra el fenómeno del bullying.*

Palabras clave: Adolescente. Bullying. Educación. Fenomenología.

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva fenomenológica parte da compreensão do viver de cada sujeito. Ela não busca definições ou conceitos a priori, mas desvenda os fenômenos além das aparências, considerando sua expressão na totalidade do mundo vivido. Na pesquisa fenomenológica realizada, buscou-se a compreensão das experiências vividas por meio da linguagem. Isto implica ter uma atitude fenomenológica acerca do fenômeno, pois ela exige uma atitude de abertura, de liberdade de nossos conceitos, valores e preconceitos. A experiência que cada sujeito adquiriu durante a sua vida é uma referência para a sua postura no mundo. Aquilo que cada um percebe é, em certo sentido, o seu cotidiano com os significados que ele atribui, portanto, diferente da vida dos demais e constituinte da sua perspectiva de perceber o mundo.

Dessa maneira, a fenomenologia se apresenta apropriada para fazer pesquisas no âmbito da educação, pois trabalha o real vivido, buscando a compreensão do que somos e do que fazemos, não carregando consigo a exigência de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida. A base do conhecimento para a fenomenologia está na capacidade de o sujeito perceber o que está em seu mundo, implicando, assim, no processo de dar significado ao que foi percebido pelos sentidos e a realizar os vínculos entre o que foi apreendido.

Portanto, revelou-se ser possível investigar o fenômeno *bullying* por meio dos adolescentes na escola, ambiente onde educandos vivenciam suas afinidades, aquisições de valores e o viver em sua totalidade, em todo o seu ser. Além disso, considerando que a instituição escolar é resultado das relações interpessoais, é de suma importância concentrar no processo educativo e na formação do indivíduo por meio de sua fala, que revelam os diferentes sentidos que ele atribui a vida escolar.

Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se ressaltar que o processo educativo e a formação dos educandos ocorrem no fortalecimento positivo das relações interpessoais, desse modo, a educação pode ser considerada a grande influência do processo inclusivo, constituindo-se, sem dúvida, num espaço onde muitas ações podem ser destacadas com objetivo de propiciar o ambiente escolar mais incluso onde os jovens possam aprender a lidar com as diferenças.

Assim, optou-se, por meio da perspectiva fenomenológica, dar voz ao próprio adolescente investigado, para, a partir de suas percepções, interpretar o real vivido, a vivência subjetiva, a possibilidade de se conhecer a relação que cada adolescente possui com o *Bullying* por meio de suas narrativas.

2 O FENÔMENO *BULLYING* E A ESCOLA

A violência está presente nos ambientes escolares e é caracterizada por atos de agressões físicas, humilhações e incivilidade, tornando-se, dessa maneira, uma ameaça diária à integridade física e psíquica dos jovens. Mais detalhadamente, no fim da década de 1970, o professor e pesquisador Dan Olweus, da Universidade da Noruega, definia tal fenômeno, que não era novo e sempre existiu, como *bullying* – um conjunto de agressões e comportamentos agressivos e antissociais, intencionais e repetitivos, sem causa aparente, adotado por um ou mais indivíduos. Este fenômeno tem ocorrido frequentemente entre adolescentes, e pode acarretar, ao agredido, um sentimento de dor, angústia, sofrimento, exclusão e depressão.

Segundo Fante (2005), Silva (2015), Olweus (1993), Santos e Junior (2012), o *bullying* é um tipo de fenômeno universal considerado perverso, dinâmico e oculto, mas não é um fenômeno novo, é tão antigo quanto à escola. Ele é um tipo de violência que está presente nos ambientes escolares e pode ser encontrado em qualquer segmento da sociedade.

O termo *bullying*, de origem inglesa, é utilizado para definir comportamentos violentos no âmbito escolar, que envolvem meninos e meninas, e está relacionado a um conjunto de atitudes agressivas, violentas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivos ou motivação evidente, adotado por um ou mais indivíduos contra demais pessoas, causando dor, angustia, humilhação e sofrimento (FANTE, 2005; SILVA, 2015). Para Rolim (2010) e Esteve e Arruda (2014), *bully* é nome dado ao agressor que pratica tal ato intencional e o *bullying* é considerado a ação de intimidar, agredir e amedrontar uma ou mais pessoas.

Essa atitude é caracterizada, ainda, por insultos, constrangimentos, provocações, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação

de grupos que hostilizam, ridicularizam e causam sérios transtornos para a vida daqueles que são vítimas, levando-os à exclusão, além de gerar danos físicos, psíquicos, morais e materiais. No Brasil, a palavra em inglês não foi substituída por termo em português, devido a “um sentido específico e rico em determinações que desaconselha sua tradução em qualquer outra língua” (ROLIM, 2010, p.19). As tentativas de traduções para o português acabavam descaracterizando o sentido do fenômeno, indicado pela expressão original.

O *bullying* se manifesta de forma direta ou indireta, e ambas são nocivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima, é o que apontam as investigações de Silva (2015), Rolim (2010) e Fante (2005). Os estudos de Olweus (2003) e Catini (2004) apresentam um detalhamento maior sobre o *bullying* na forma direta, que se constitui em ataques abertos às vítimas, compostos de agressões físicas, ofensas verbais, roubos, expressões faciais, gestos provocativos entre outros. O *bullying* na forma indireta compreende atitudes como isolamento social, exclusão intencional do grupo, atitudes de indiferença e difamação.

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Para Silva (2015) significa dizer que, de forma quase natural, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar e amedrontar suas vítimas.

Vê-se que a escola não está imune às manifestações de agressões e ao fenômeno *bullying*, já que as intolerâncias às diferenças, os preconceitos e a covardia nas relações interpessoais não estão somente dentro dos muros escolares, constituem todo segmento da sociedade. Entretanto, ela pode se compor como um espaço seguro e saudável de ensino e aprendizagem, onde crianças e adolescentes possam conviver socialmente, provendo relações interpessoais, que são fundamentais para o crescimento dos jovens por meio da aceitação da inclusão e do respeito aos outros. Tudo isso cria um ambiente que possibilita um cenário em que eles aprendam a se conhecer e a desenvolver sua subjetividade e individualidade.

Portanto, é nesse ambiente que crianças e adolescentes exercitam a convivência diária com seus pares e com adultos fora do seu círculo familiar. Neste contexto de vivência cotidiana, os alunos bem orientados podem se distinguir através de costumes, posturas, características pessoais e interesses, e, ao mesmo tempo, podem identificar semelhanças nas necessidades, anseios, capacidade de sentir e de se desenvolver. Mas, para que haja uma compreensão e amadurecimento adequados sobre o vivido, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram no

ambiente escolar e também familiar, para que o papel da escola e da família não seja colocado em xeque pelos adolescentes.

Sobre as experiências positivas vividas desde a infância à adolescência, no ambiente familiar e na escola, Silva e Caminha (2014) entendem que essas vivências são consideradas uma fase essencial para a vida do sujeito. Esse momento do desenvolvimento humano é a principal etapa para a formação do caráter e afirmação do indivíduo dentro do meio social em que vive. É justamente nessa fase, na qual as referências internas não estão ajustadas ainda, que o sujeito procura referenciais externos para justificar suas falhas e qualidades, ou seja, necessita do outro para que o ajude a construir uma autoestima e um autoconceito positivos.

A vida escolar pode proporcionar bons momentos e meios para contribuir na formação humana do adolescente. A orientação é importante para que o adolescente se conheça e consiga mais autonomia para dar seus próprios passos. Lidar com as diferenças interpessoais constitui um dos maiores desafios que a escola enfrenta.

Desse modo, vê-se na educação escolar possibilidades de se trabalhar questões sobre a vida e o mundo e, acima de tudo, sobre as relações interpessoais, ressaltando o contexto afetivo e emocional perante os desafios do cotidiano presente. Dessa maneira, optou-se, para o desenvolvimento desta pesquisa, percorrer o caminho que desperte outro olhar sobre o adolescente e suas experiências vividas, sob a ótica fenomenológica.

2.1 A Fenomenologia de Merleau-Ponty e o Campo Educacional

Merleau-Ponty nunca escreveu um tratado sobre a Educação. Ela não é expressamente tratada pelos pesquisadores da Fenomenologia, no entanto é um fenômeno que aparece sob uma determinada concepção e pode ser abordada dentro de um estilo desta corrente filosófica nos estudos de todos os outros fenômenos (REZENDE, 1990).

Merleau-Ponty (2014) concebia a fenomenologia como o estudo das essências e defendia que todos os problemas resumem-se em reposicionar as essências na existência. Ele classifica as essências em essência da percepção e essência da consciência, por isso a sua filosofia é considerada como a que repõe as essências na existência. Ela busca a essência do fenômeno que se mostra no discurso dos sujeitos da pesquisa. A fenomenologia existencial busca compreender o homem em sua estrutura universal, e, concomitantemente, em sua experiência concreta do vivido.

Ele concebe a fenomenologia como uma tarefa puramente descritiva, o que significa que ela, em hipótese alguma, se envolve em especulação, e nem busca construir explicações de qualquer natureza. Portanto, a posição da fenomenologia é o retornar a essas origens – descrever nossa experiência perceptiva pré-objetiva, que antecede e torna possível uma concepção objetiva do mundo por meio da percepção.

O significado para Merleau-Ponty do retorno aos próprios fenômenos é “despertar em nós um sentido tanto do tema da fenomenologia como sua significância. A ideia de retornar aos fenômenos, de “redespertar” nossa sensibilidade para eles, permeia o trabalho como um todo” (CERBONE, 2012, p.158). O retorno aos fenômenos é trazer novamente de volta a algo que outrora estivera negligenciado, e está intrinsecamente ligado à fenomenologia, envolvido com o retornar, redescobrir, redespertar. Nesse sentido, é possível dizer que Merleau-Ponty deu abertura para a reflexão sobre esse envolvimento e a disposição para reabrir a natureza da própria fenomenologia, que se inicia com a Fenomenologia da Percepção.

O ponto central da fenomenologia é o retornar às coisas mesmas, “é o princípio fundamental de um método descritivo, que pretende recuperar o sentido originário do ser-do-mundo percebido tal como ele está presente antes de qualquer preconceito” (CAMINHA, 2012, p. 12). O retorno às coisas mesmas, segundo a proposta da fenomenologia, é considerá-las como fenômenos. A realidade é aquilo que aparece para uma consciência que a percebe e não um amontoado de fatos em si.

A percepção torna-se o tema central na filosofia de Merleau-Ponty (2014), pois é a experiência de se relacionar com a existência do próprio mundo, antes de toda a determinação ou objetivação. A proposta fenomenológica significa descrever o processo que faz da percepção a experiência de perceber o mundo, “cuja aparência não pode ser desdobrada fora de cada um dos aparecimentos em que ele se manifesta” (CAMINHA, 2010, p. 12). Portanto, a tarefa da fenomenologia é estudar a significação das vivências da consciência. “O que aparece na consciência é o fenômeno. Fenômeno significa trazer à luz, colocar sob iluminação, mostrar-se a si mesmo em si mesmo, a totalidade do que se mostra diante de nós” (MOREIRA, 2002, p. 66).

É a partir da intencionalidade, ou consciência, que o sujeito, ou o educando, dirige-se ao mundo, a fim de apreendê-lo e a fazer suas escolhas. Esse significado que o sujeito dá a sua experiência de mundo compreende tanto a significação intelectual, como a significação motora, de forma que não há separação entre o sensível e o entendimento na experiência que se tem do mundo. É característica da consciência ser intencional, ser consciente de algo, ser dirigida

intencionalmente a um objeto. Se a consciência é intencional significa dizer que toda consciência é consciência de algo. A consciência não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos como a percepção, a imaginação, a paixão, e outros, por meio dos quais visamos algo.

Assim, se a consciência é intencionalidade, só pode ser considerada em termos de sentido. A consciência não é coisa, mas aquilo que dá sentido às coisas. O sentido não se constata à maneira de uma coisa, mas se interpreta. É a consciência intencional que faz o mundo aparecer como fenômeno, como significação, pelo fato de ser um *cogitatum* intencionado pelo sujeito. Na perspectiva de Merleau-Ponty, a consciência é fundamentalmente encarnada no mundo. É por essa razão que ele propõe em suas reflexões filosóficas tomar o corpo como o centro de seus estudos fenomenológicos. O corpo seria precisamente a consciência situada radicalmente no mundo. Isso não significa uma mera substituição dos termos: trocar consciência por corpo. Mas, radicalizar a ideia de que a consciência é perceptiva.

Dessa maneira, a função da fenomenologia é revelar o mundo vivido antes de ser significado, mundo onde estamos, território de nossos encontros com o outro, onde se desvela nossa história, nossas ações, nosso engajamento e nossas decisões. Tem por característica principal descrever a experiência do homem tal como ela é, não segundo os dogmas e determinações pré-estabelecidos das ciências naturais ou do senso comum.

O olhar fenomenológico no processo educativo nos dá a possibilidade de descrever os modos de comprometimento do sujeito ao conviver com sua realidade e, reciprocamente, a maneira de como a realidade se mostra ao sujeito. Portanto, a fenomenologia possui uma dimensão profundamente pedagógica, com características de constante aprendizado e construção da própria história. É pelos caminhos da experiência que a fenomenologia se guia e proporciona uma tomada reflexiva da vivência, abrindo possibilidades de observar as coisas como elas se manifestam. Traz à nossa consciência, novos olhares, para permitir um redimensionamento dos afazeres e buscar um olhar intencional que possa nos desvelar formas diferenciadas no fazer pedagógico de nossas práticas educativas.

Nesse sentido, entende-se que a fenomenologia na educação é um processo permanente de elucidação da experiência pedagógica, ou seja, ela está cotidiana e constantemente em nossa vida, está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O ato de educar é “um fenômeno próprio dos seres humanos e se faz necessário compreender a educação a partir das relações vivenciadas “com” e “no” mundo, porque a educação é, sem dúvida, experiência universal

fundamentalmente essencial do homem engajado efetivamente no mundo” (SILVA FILHO, 2006, p.5).

Assim, a aprendizagem humana não está vinculada somente na esfera do intelectual, do lógico, do psicológico, etc. Aprendemos com a totalidade de nosso ser, com nossa percepção, imaginação e intuições, instigadas pela intersubjetividade. Aprendemos observando a nós mesmos, ou vendo os outros que se aproximam de nós, e juntos formamos um todo num mundo. Por isso, considerar a educação sob a ótica da fenomenologia significa conceber como fundamental a subjetividade que se configura pelas ações pedagógicas⁴.

Desse modo, a contribuição da fenomenologia para a educação é auxiliar o sujeito a apropriar-se, de forma mais concreta, de si mesmo, com a possibilidade de um avanço do conhecimento quanto à conscientização da percepção e reconhecimento de sua singularidade; a ser único na forma de pensar, sentir, agir e reagir, possibilitando mudanças em seus aspectos de desenvolver as intencionalidades de sua natureza: a expressão corporal, a linguagem, o domínio e a sensibilidade.

2.2 O ser adolescente e suas relações intersubjetivas

Procuramos, por meio desta pesquisa, revelar o mundo vivido pelos adolescentes que fizeram parte do grupo de entrevistas. Em meio à realidade vivenciada por eles, é possível observar o ser humano, o ser que durante o percurso de sua vida se constrói e é envolvido pela dificuldade dos relacionamentos sociais, culturais, cognitivos e emocionais. Magalhães (2016) entende que é por este motivo que há a necessidade de compreendê-lo como ser inteiro, aquele que dá sentido ao mundo, que o transforma, que possui uma consciência de que o mundo não é apenas uma somatória de coisas e fatos fragmentados e estudados pela ciência, seguindo as relações de causa e efeito.

Segundo Santos (2014), a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty procura descrever a maneira como o indivíduo, por meio da percepção, realiza a experiência de perceber o mundo, cuja aparência não pode ser desdobrada fora de cada um dos aparecimentos em que ele se manifesta. Se, por um lado, aquele que percebe vive na sua essência como um sujeito que se percebe, ou seja, como tendo consciência e experimentado a si mesmo na experiência de perceber,

⁴ Em relação as discussões sobre práticas pedagógicas e as questões curriculares ler os trabalhos de Rudd e Goodson (2016), Uljens (2016), Pacheco e Sousa (2016), Morgado (2016), Moreira e Silva Junior (2016), Kovacs e Tinoca (2017), Fino (2016), Sousa (2016), Pedro (2017), Dias e Menezes (2017), Moreira e Silva JR (2016), Gomes-da-Silva (2014), Almeida e Araújo JR (2013).

por outro lado, o ato de perceber já é em princípio estar fora de si, no sentido de que a experiência perceptiva é a abertura de si para o outro.

Por isso buscamos, neste sentido, vislumbrar o mundo do adolescente por ele mesmo, por meio da perspectiva fenomenológica, e fazer com que ele possa ter consciência de sua própria existência, consciência de um mundo do qual existe e faz parte.

Nesse aspecto, pode-se entender que não fomos educados para a compreensão da percepção humana. Como afirma Merleau-Ponty (2014, p. 279) “o pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção”, porque nos é dado um mundo inteiramente pronto, cujos acontecimentos são por mera causalidade e não haveria a necessidade de uma recriação ou uma reconstituição do mundo, conforme aponta o filósofo.

E todavia permanece verdadeiro que o próprio intelectualismo se dá ao mundo inteiramente pronto. Pois a constituição do mundo, tal como ele a concebe, é uma simples cláusula de estilo: a cada termo da descrição empirista acrescenta-se o índice “consciência de...”. Subordina-se todo o sistema da experiência – mundo, corpo-próprio, eu empírico – a um pensador universal encarregado de produzir as relações dos três termos. Mas, como ele não está envolvido no sistema, as relações continuam a ser aquilo que eram no empirismo: relações de causalidade desdobradas no plano dos acontecimentos cósmicos (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 280).

Assim, entendemos que o mundo que cada adolescente percebe é um mundo significativo e os significados que se tem são aqueles que cada sujeito vê nele. E o que é significativo e tem significado para uma pessoa é o que configura a visão de mundo para essa pessoa. O que dá sentido ao mundo daquele que percebe são seus significados que formam uma rede de sentidos inter-relacionadas.

Mas, é bom salientar que o mundo não é puramente o nosso mundo e os significados dos objetos nele não são significados que nós criamos, mas são significados que nós encontramos. Por conseguinte, o sujeito perceptivo faz a experiência de mundo com seus elementos porque encontrou significado nele, e esse significado faz parte do seu mundo. E o sentido da existência humana é o ser-no-mundo, no qual não existimos separados do mundo de nossa experiência, somos parte dele. Assim, faz todo sentido pensar o sujeito como corpo situado no mundo.

O ser e estar no mundo significa que a existência não é isolada, é uma experiência de intersubjetividade, de comunicação entre as pessoas, de modos de relacionamento interpessoal. Cada sujeito, individualmente, constrói a sua história de vida com a história do grupo em que está inserido, e esse processo de construção social não se faz só, se dá através de diversos contextos e interações constantes. Acreditamos que são nestes contextos que os adolescentes constroem suas

relações de maneira própria de ser e agir, com trocas, aprendizagens e relações diversas, com as várias experiências da vida.

A reflexão sobre a adolescência, por meio da perspectiva fenomenológica, jamais será completa ou acabada, visto que o fenômeno nunca se esgota, pois a própria existência humana é um constante vir a ser. Porém, ao dar voz aos próprios adolescentes, que só podem falar de suas experiências específicas, entramos em contato com suas singularidades e podemos perceber o encanto da diversidade, das várias possibilidades de ser e estar no mundo.

Compreendemos que é na relação com o outro, na intersubjetividade, que o sujeito pode se abrir para o mundo, perceber a presença do outro nele e, ao mesmo tempo, ver-se limitado por ele, abrindo, assim, uma possibilidade de se singularizar entre tantas outras pessoas. Essa coexistência tem como relação o sentimento de união, comunidade, reciprocidade, solidariedade, irmandade, respeito mútuo, liberdade, acolhimento, pluralismo, cidadania. E o oposto é a não existência em comum ou a ausência de compreensão empática, que são geradoras de desunião, falta de solidariedade, indiferença, homofobia, xenofobia, dominação, violência, desrespeito à liberdade e de totalitarismo. Assim, o adolescente experimenta, em sua vida cotidiana, a concretude dessa dupla dimensão, a coexistência e a não existência, a dimensão tensional e antagônica.

Por conseguinte, a proposta do trabalho foi descrever as experiências vividas por adolescentes, referentes ao fenômeno *bullying* na escola. Por meio das narrativas, descobrimos o ser sujeito que tem a capacidade de criar, de perceber, compreender e atribuir significados; isso tudo acrescido e desenvolvido pelas relações intersubjetivas. Podemos dizer, então, que a intersubjetividade é uma condição da vida social que permite a partilha dos sentidos, experiências e conhecimentos entre os indivíduos, porque é através dela e do seu papel mediador no grupo de discussão de perguntas e respostas que a comunicação é possível.

Dessa maneira, partilhamos com o que temos e sabemos, por meio de nossa percepção, do real vivido, e tentamos resolver as nossas diferenças, ultrapassamos nossos pensamentos pessoais e compartilamos nossa subjetividade e intencionalidade com os outros.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “O fenômeno *bullying* no contexto escolar: estudo acerca da experiência vivida de adolescentes em uma instituição de ensino de Aracaju”, aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, CAAE 57167815.1.0000.5546.

A pesquisa se fundamentou em um estudo qualitativo de natureza descritiva sob o pressuposto fenomenológico como estratégia de investigação, em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas, com respeito a um fenômeno, descritas pelos participantes. Como técnica para coleta de informações, foi utilizado o método grupo focal, por meio de um estímulo uniforme (o filme “*Bullying*: provocações sem limites”). Interpretou-se o impacto dessa provocação sobre os entrevistados, utilizando, para isso, um guia de entrevista com questões semiestruturadas. Conforme Flick (2004) aponta, o uso consistente de um guia de entrevista aumenta a comparabilidade dos dados, e sua estruturação é intensificada como resultado das questões do guia. Assim, vê-se a vantagem da utilização desse método.

Para Flick (2004), se os enunciados sobre o assunto forem os objetivos da coleta de dados, a entrevista semiestruturada será a maneira mais econômica. Desse modo, entende-se esse tipo de entrevista como uma ferramenta indispensável, na medida em que contextualiza a experiência vivida pelos sujeitos, suas percepções, seus posicionamentos, suas crenças e valores e, portanto, auxilia a interpretar e descrever os diversos pontos de vista subjetivos, em diferentes grupos de adolescentes.

Foi formulado um roteiro de entrevistas semipadronizadas, para que os entrevistados pudessem se expressar espontaneamente ao responder a cada pergunta aberta após o estímulo dado. As questões que formaram as entrevistas semiestruturadas referiram-se à identificação pessoal de cada um com o contexto do *bullying* escolar, a causas e efeitos do fenômeno *bullying* na escola e ao posicionamento de cada entrevistado acerca de ter presenciado, de ter sofrido ou praticado tal ato.

O cenário dessa investigação foi uma escola da rede de ensino pública federal de Sergipe. A instituição mencionada na pesquisa oferece e promove a educação profissional, científica e tecnológica, e, dessa maneira, contribui para o desenvolvimento socioeconômico e cultural de seus educandos. Têm por objetivo ministrar educação profissional técnica de nível médio, licenciaturas e graduações tecnológicas, realizadas na forma de cursos integrados, àqueles oriundos do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos.

Os participantes da pesquisa foram adolescentes com idade entre 14 e 16 anos, matriculados na instituição e participantes do grupo focal. Para fazer parte do referido grupo, ficou estabelecido, entre a direção da escola e o pesquisador, que a seleção dos interessados sucederia através de um convite e breve explanação do objetivo da pesquisa. Aos interessados foi entregue o Termo de

Assentimento Informado Livre e Esclarecido, expondo detalhadamente a pesquisa, para que, por meio da autorização dos pais ou responsáveis, eles pudessem contribuir com o estudo.

Compreendeu-se, nesse contexto, a pesquisa educacional como uma ação intencional e metodologicamente estruturada na busca de uma resposta para uma pergunta previamente elaborada; procurou-se atribuir sentidos ao cotidiano, interpretando e dando significados às histórias, às experiências vividas. Logo, não só o diálogo assume função primordial, mas também a garantia das reflexões sobre as vivências relatadas. Ressaltamos que, com base em Merleau-Ponty, consideramos que quando se pergunta ao adolescente sobre suas vivências sobre o *bullying*, ele não é uma consciência que vai falar sobre o *bullying* como algo distante e de maneira desencarnada. Ele vai narrar seu sofrimento vivido no corpo, expressando as marcas vividas do *bullying* entranhadas em seu corpo.

4 NARRATIVAS ACERCA DA PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES

Para tratar sobre a percepção dos entrevistados, no que diz respeito às relações e experiências vividas, foram direcionadas algumas perguntas que abordassem a visão deles acerca do fenômeno *bullying* na escola. Nesse local, eles passam boa parte de seu dia com outras pessoas, sejam outros alunos, professores, funcionários, coordenação, direção, enfim, com outras pessoas que, como eles, percebem de alguma forma o mundo escolar no qual estão inseridos.

Assim, entende-se o ser adolescente se reconhecendo como humano aberto ao mundo, situado, porém livre para atualizar-se na dimensão do tempo vivido. Então, para o sujeito, como ser inserido no mundo, na visão fenomenológica, significa assumir toda sua complexidade, revelando o humano e sua expressividade. Nesse sentido, a pesquisa buscou interpretar o vivido por ele mesmo em suas relações consigo e com o outro.

As respostas revelaram como os adolescentes perceberam o fenômeno *bullying* pelo estímulo dado e, dessa maneira, atribuíram significado, através de suas narrativas, a suas experiências vividas no contexto escolar.

Os sentidos e significados que cada um destaca demonstram a essência de vida de cada ser, suas experiências e os caminhos que os levaram a relacionar um significado para ela. O fenômeno *bullying* para os jovens investigados é percebido em suas relações como algo ainda não muito bem esclarecido, pois existem muitas dúvidas sobre o que é e o que não é uma simples brincadeira. Alguns sentimentos por eles experimentados foram: revolta por não serem esclarecidos a respeito do tema *bullying*, frustrações devido a algumas escolas tocarem no assunto de maneira muito

tímida, simples, com alguns cartazes e dizeres colados em alguma parede do pátio ou sala de aula. Trechos de depoimentos dos adolescentes entrevistados fundamentam a importância dos conceitos de percepção, relações intersubjetivas e intencionalidade, através de recortes de algumas perguntas como: você já foi vítima da ação do *bullying* na escola? Já cometeu ou presenciou o *bullying* na escola?

Eu já sofri o *bullying*. Com certeza, já pratiquei sim. E quando eu sofri o *bullying*, tinha mais ou menos seis para sete anos. Tinha aquelas brincadeirinhas insuportáveis de criança: ah, você é gordinha, você é nerd. Normalmente, você aceita de graça e depois pergunta: opa, o que eu estou fazendo de errado? Por que eles estão mexendo comigo? Eu não fiz nada de errado com vocês. E por que estão fazendo isso comigo? Mas eu fiquei muito, mas muito incomodada mesmo. Só que depois eu percebi que não vale a pena. Eles fazem isso comigo e eu não denunciei porque comecei a ignorar e pararam de mexer (Aluna 01).

Eu já pratiquei o *bullying* e sofri como vítima, mas não na proporção do filme. Era mais coisa de criança, que chegou a me afetar e cheguei a reclamar na escola, mas nunca fui levada a sério. Diziam que isso era besteira, que não devia ligar e para eu não me preocupar, que era para ignorar e que isso era coisa de criança. Só que às vezes não dá para você ignorar, é difícil, mas você tem que seguir em frente e deixar de lado. Eu consegui realmente, acho que eu consegui superar, não me afetou em nada. Na época, me incomodava muito, mas eu consegui resolver da melhor maneira, eu acho. Não gosto de imaginar se acontecesse de novo. Eu denunciaria ou faria algo do tipo. (Aluna 10).

O que chamou atenção em boa parte dessas narrativas foi a descoberta de que somos diferentes, e que isso pode gerar negação, exclusão e conflito para as pessoas. Os adolescentes entrevistados entendem que, muitas vezes, as pessoas são mal interpretadas pelo simples fato de fazerem escolhas que não condizem com certo padrão já estabelecido pela sociedade. Então, cada adolescente pode ser visto como um incômodo e se torna culpado por ser nerd, homossexual, negro, amarelo, negro com cabelo liso, encaracolado, pixaim, careca, ser baixo, alto, gordo ou magro, quieto ou calado, muito alegre, demasiado espontâneo; e parece que todas essas características não são consideradas como do ser humano e, dessa maneira, constituem algo que incomoda. Além disso, há condições sociais que levam muitos jovens a sofrerem discriminação e preconceitos em ambientes escolares.

A expressividade desses jovens em relação ao sofrimento do personagem, mostrado no filme, foi uma das questões mais evidentes em suas narrativas. Em suas falas, apontaram que as pessoas não estavam sensibilizadas com o sofrimento do personagem. Infelizmente, o cenário é esse. Por vezes, colegas, e até professores, não se dão conta ou não se importam com o sofrimento de alguns que passam por certas situações calados. A indiferença para os entrevistados é algo perturbador e revoltante. A inércia em não procurar ajuda também os revolta. Eles ressaltam a

necessidade de se construir relações fortes de amizades e entendem que, dessa maneira, podem se proteger e proteger os demais. Assim, entende-se que o sentido dado pelo adolescente investigado, acerca da sua percepção sobre o fenômeno *bullying* no contexto escolar, define a forma de uma relação, seja com o ambiente, consigo mesmo e com o outro.

5 NARRATIVAS ACERCA DAS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS DOS ADOLESCENTES

Refletir sobre as relações estabelecidas acerca do fenômeno *bullying* significa, também, descrever e interpretar um processo de representação do que constitui o ser adolescente. Cada um constrói a sua história de vida com a trajetória do grupo a que pertence, e esse processo de construção social não é solitário, faz-se em diversos contextos e em interações constantes. É justamente nestes contextos que os adolescentes desenvolvem a sua ação e formação, transformando estas interações em uma maneira própria de ser e de agir, com trocas, aprendizagens e relações diversas entre os seus vários contextos da vida.

O ato de perceber o que o outro faz e se essa atitude é diferente dos demais, do modo de pensar e de agir, cria um preconceito ou um julgamento sobre tal atitude. A intersubjetividade amplia essa visão limitada de relação, não estabelecendo quem está certo ou errado, mas indica que são olhares diferentes. A intersubjetividade concebe um olhar diferente para as relações.

Durante a entrevista, foi direcionada a seguinte pergunta: alguém já presenciou algum comportamento agressivo na escola? Para poder captar, descrever e obter os seguintes olhares:

O que eu gosto muito desta escola é que aqui tem alguma informação. Não tanto como a da outra escola, mas a escola dá alguma informação, mas não tanto. As pessoas já vieram com aquela noção do que é o *bullying* e eu considero hoje o assunto *bullying* muito difundido, e as pessoas estão tomando mais noção do que é *bullying* e o que não é. Existe mais consciência aqui na escola do que é o *bullying* hoje (Aluna 2).

Eu vejo que o *bullying* cresce num ambiente que já propicia isso como, por exemplo, quando a sala não se une para defender uma pessoa que está sofrendo ou quando deixa a pessoa isolada. O *bullying* acontece de verdade porque a sala não reage. Mas se a sala toda ignorar aquela pessoa que está cometendo o *bullying* e ajudar aquela pessoa que está sendo agredida, a outra pessoa vai perceber que ele tá errado e não tem apoio de ninguém. Ele vai parar porque não existe algo ou alguém que incentive ele (Aluna 5).

Cada adolescente reportou a realidade por meio da experiência do perceber, tal como ela é; e essa realidade percebida é fenômeno, porque é apreendida daquilo que se apresenta. A instituição de ensino, para alguns, se apresenta como um local onde já não se deveria presenciar agressões e

violências vivenciadas anteriormente em outras instituições. A relação estabelecida entre uma e outra escola está na atitude e compromisso dos gestores. Nas escolas em que estudaram, da rede estadual ou particular, percebiam que não existia esse compromisso de informar sobre o fenômeno *bullying*; sofriam, pelos relatos, calados, e não tinham a quem recorrer. Entretanto, no ambiente público federal, percebem que o fenômeno existe, sob outra aparência, disfarçado e de certa maneira contido, por existirem algumas informações a respeito e, dessa maneira, ser possível contar com apoio psicológico e informações sobre o tema. Mas entendem que tais atos, ainda praticados por alguns, são atitudes que havia em outras instituições e que, infelizmente, alunos trouxeram consigo e não vivenciam a mudança atual, como também não possuem visão de mudança para o futuro.

As relações estabelecidas no ambiente atual, para esses adolescentes investigados, é a maneira de perceberem que fazem parte de uma realidade e de outra cultura; eles refletem sobre suas concepções de possuir um passado no qual estavam inseridos, que, de certa maneira formou, suas identidades, e reconhecem que podem decidir sobre seu presente e futuro, mesmo tendo entendimento de situações vividas em outros ambientes escolares. Portanto, partindo da experiência que possui dele mesmo, da sua consciência do que é e do que não é, o adolescente tem acesso às significações de linguagem, e são justamente elas que fazem com que a linguagem nos diga algo, como afirma Merleau-Ponty (2014).

As narrativas revelaram que os educandos investigados não são meros espectadores imparciais frente à vida, à sala de aula, nas atividades de educação física, nos intervalos, nos corredores da instituição. Eles participam ativamente das discussões e informações que a instituição levanta sobre determinado assunto. Descreveram o que perceberam em relação às diferenças entre os ambientes escolares pelos quais passaram. Ressaltaram sobre as pessoas serem diferentes, e que as relações se diferenciam devido ao ambiente. Dessa maneira, acabam se reconhecendo como atores e coautores de suas histórias, onde o ambiente vivido lhes proporciona sentidos e significados para viverem em sociedade.

Portanto, as experiências vivenciadas no ambiente em que os estudantes estão inseridos são importantes na construção da identidade de cada um. E isto se consolida por meio das relações com outros indivíduos, com a instituição a qual estão vinculados. Essas relações, por sua vez, implicam no projeto de vida, propiciando responsabilidade na construção de suas carreiras profissionais. Essas relações também provocam uma expectativa de responsabilidade, possibilitando a apropriação do conhecimento de uma maneira ativa, favorecendo ao reconhecimento dos

condicionantes históricos e permitindo que se vislumbre a possibilidade de dar nova significação às relações para essa nova realidade, reafirmando, dessa forma, sujeitos que produzem cultura, criam e recriam o mundo.

Dessa maneira, entende-se que os jovens precisam ser considerados como sujeitos socioculturais, são pessoas vivas, reais e plurais, possuidoras de sentimentos, desejos e expectativas, carências, dores e limitações. São suas experiências no e do mundo que dão sentidos e significados das mais diversas formas, sob a influência de seus relacionamentos, e sobre todas as dimensões que constituem suas representações.

6 NARRATIVAS ACERCA DA INTENCIONALIDADE DOS ADOLESCENTES SOBRE O *BULLYING*

Para a Fenomenologia, a intencionalidade é o estudo do que o sujeito quer dizer acerca de um fenômeno, o papel que esse conceito desempenha na experiência humana compartilhada. Portanto, a fenomenologia se propõe apenas a descrever o que é essencial à nossa percepção dos objetos.

[...] a subjetividade é despertada a partir de um processo de percepção da organização do próprio indivíduo. Ao privilegiar uma expressão própria e autêntica, o indivíduo manifesta-se em sua subjetividade e passa a reconhecer-se e a constituir-se como um ser singular e responsável por si mesmo (SANTOS, 2016, p. 458).

Nesse sentido, quando o jovem se percebe como ser possuidor de uma história e que se faz sujeito dela, vai se reconhecendo em construção e rompe com o dualismo clássico entre sujeito e objeto, porque suas experiências vivenciadas revelam um mundo vivido antes de ser significado, onde estamos e vivemos em correlação com os demais. Isso pode ser constatado no depoimento dos adolescentes abaixo, a partir da seguinte pergunta: houve alguma intervenção por parte da gestão escolar se o fato de alguma agressão ocorrida aconteceu na escola?

Não, não houve, mas procurei entender o que tava acontecendo e busquei informar os meus colegas (Aluno 7).

Não, não houve, mas deixo uma mensagem para quem for agredido não tenha medo. Você pode denunciar porque você ajuda acabar com outras agressões, e que o agressor irá parar de ser ridículo e que as pessoas denunciem (Aluna 2).

Se cada pessoa tiver que enfrentar o *bullying* denuncie. E se a gente vê alguém sofrendo temos que ajudar. Eu faço o máximo para ajudar as pessoas. Não sei se a escola fez ou não algo a respeito (Aluna 10).

As intenções são as explicações do comportamento a ser descrito e o significado que esse objeto tem para os investigados. Dessa maneira, as situações vivenciadas assumem condição

existencial, e a intencionalidade assume uma consciência. Nesses relatos, a questão da agressão presenciada pelos adolescentes deve ser resolvida entre eles e a grande maioria se mostrou não muito confortável em levar o caso à coordenação ou direção. Os jovens explicaram que o medo e a não aceitação de si mesmo são grandes fatores que contribuem para a incidência do fenômeno *bullying* nos ambientes escolares. Mesmo não havendo intervenção por parte dos gestores, eles concordam em ajudar uns aos outros, criando, dessa maneira, uma rede de proteção. Citam, ainda, que a inveja, o não conhecer o outro e a sua maneira de ser, seriam alguns dos motivos para a prática constante de agressões e preconceitos vivenciados por eles. Na reflexão sobre o fenômeno, eles dialogam com seus pares, buscando a compreensão. Assim, cada sujeito interage, tendo uma consciência ativa, uma autonomia de pensamento e o querer de mudar situações, reconhecendo que é preciso fazer algo, não ficando passivo diante de atitudes que denominam pré-histórica.

Outra questão a ser exposta, que ficou evidente nas falas dos adolescentes, foi a percepção de que o erro não está em quem sofre as agressões, e sim em quem pratica tal ato. Também relacionam a falta de coragem em denunciar ao erro em não reagir. O sentimento de se colocar no lugar de outra pessoa revela sua interação e dependência em relação ao outro, uma relação baseada no diálogo e, principalmente, na valorização das diferenças existentes. O posicionamento e a tomada de decisão de cada sujeito diante da realidade em que está imerso é a de romper definitivamente com atitudes negativas, que ele mesmo percebe como um processo que não ajuda em suas relações entre si e o mundo.

Nessa perspectiva, eles enxergam que essa ação visa ampliar a consciência, expondo certas atitudes de condicionamento enraizadas culturalmente, e insistindo na mudança de postura em relação à indiferença individual e coletiva acerca das agressões, humilhações e ao fenômeno *bullying* praticado no ambiente escolar.

Seguindo esse pensamento de romper com atitudes de passividade, enxergam a possibilidade de superação de certas discriminações sofridas em outros ambientes escolares, como o atual. Foi percebido que a experiência de cada jovem revelou o que o fenômeno é. E isso ocorreu devido aos relatos das experiências intencionais dos sujeitos, não concebidos como um fato isolado, mas percebidos por qualquer consciência perceptiva. As narrativas dos investigados traduziram-se em significados de dor, angústia, solidão, peso, dificuldade, negação, coragem, força, reação, aceitação, que se configuram como uma mescla de verdades pessoais e a busca de ser aceito e reconhecido.

Portanto, a importância da atitude fenomenológica adotada pelo pesquisador lhe permite abertura para viver a experiência de uma forma ampla, na sua totalidade, afastando todo e qualquer julgamento que possa interferir na sua abertura para a descrição. Assim, busca-se trabalhar com a descrição do que foi percebido, buscar a sua essência, a parte mais constante da experiência aqui descrita, a que está situada em um contexto daquilo que se investiga.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação procurou descrever como os adolescentes entrevistados se posicionaram em suas narrativas e qual a relação que mostraram ter com o fenômeno *bullying*, através de suas percepções, intersubjetividades e intencionalidades. A pesquisa permitiu a compreensão do mundo vivido pelos jovens, no que propõe a fenomenologia de Merleau-Ponty, sobretudo no que diz respeito à experiência da narrativa, que é única, e foi descrita e interpretada, dando significações ao fenômeno *bullying*. O fenômeno *bullying* não foi objeto deste trabalho, mas contribuiu para a compreensão do discurso, do posicionamento e da perspectiva de cada indivíduo investigado. Neste sentido, ao desfocar o fenômeno, o trabalho revelou o sujeito, mostrando-o na sua totalidade, que pôde ser descrita.

Através das entrevistas, compreendeu-se que cada indivíduo tem sua percepção sobre o *bullying*. Os adolescentes relataram, a partir das discussões, que o sentimento sobre o problema é ruim, é algo que gera dor e sofrimento, e que se veem sós quando passam por essas situações. Explicitaram a necessidade de se formar grupos de amigos para que possam se ajudar e, dessa maneira, criar uma rede de proteção e reação contra quem pratica tal o fenômeno.

Desse modo, por meio do grupo focal, formado em sua maioria por meninas, pôde ser revelado o quanto esses jovens são sonhadores, sinceros, sensíveis, rebeldes, pacíficos, articuladores e atuantes. Mas, também, que necessitam do apoio e querem contar com a experiência dos mais velhos, no que diz respeito a questões da vida, para que possam se descobrir, se reconhecer, crescer e até mudar. Acredita-se que esses desabafos registrados nas entrevistas são sinceros e anseiam por mudanças para se ter um mundo melhor, onde o sujeito possa ser ele e ter consciência do outro sem preconceitos. Ser aceito e aceitar, para que as relações possam se verdadeiras e desinteressadas, e que a escola possa ensinar o adolescente a se ver como um todo, na sua totalidade. Dessa maneira, o adolescente se valoriza quando se vê como uma unidade.

Tais resultados levantam alguns questionamentos a respeito do papel da escola e de seus espaços de relações interpessoais. Deixa claro que existe a falta de se levar a sério o problema e, principalmente, a falta da escuta interessada nos relatos dos alunos vítimas de violência, bem como a não existência de regras claras e efetivas para coibir, orientar os agressores, as testemunhas e as próprias vítimas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. R.; DE ARAÚJO JR, C. A. F. O Uso de Dispositivos Móveis no Contexto Educativo: Análise de Teses e Dissertações Nacionais. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 6, n. 11, p. 25-36, 2013. Disponível em: <https://pontadelanca.revistas.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2538>.

BULLYING – PROVOCAÇÕES SEM LIMITES. Direção Josetxo San Mateo. Espanha. Filmax, 2009. Drama (95 min) Disponível em < <https://megafilmesonlinegratis.org/bullying-provocacoes-sem-limites/>> Acesso em: 24 de abril de 2016.

CAMINHA, Iraquiton de Oliveira. Fenomenologia e Educação. **Trilhas Filosóficas** – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano V, n. 2, 11-21, jul-dez, 2012. ISSN 1984-5561. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/viewFile/762/412>> Acesso em: 23 de agosto de 2016.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 3ª ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2012.

CATINI, Nilza. Problematizando o **“Bullying” para a realidade brasileira**. Campinas, SP. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência da Vida, 2004.

DIAS, A. F.; MENEZES, C. A. A. Que inovação pedagógica a pedagogia queer propõe ao currículo escolar?. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 37-48, 10 out. 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7443>.

ESTEVE, Cristiane E.A; ARRUDA, Aparecida L.M.M.. *Bullying*: quando a brincadeira fica séria, causas e consequências. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque – Volume 5 - nº. 1 – 2014, p. 1-35, 2014. ISSN 2177-7748. Disponível em <http://facsaroque.br/revista-eletronica/revista-saberes-da-educacao/arquivos/2014-2/pdf>> Acesso em: 06 de março de 2016.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. Campinas, SP. Ed. Verus, 2ª edição, 2005.

FINO, Carlos Nogueira. Inovação Pedagógica e Ortodoxia Curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 9, n. 18, p. 13-22, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4959/4094>. Acesso em: 07 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4959>.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, RS. Editora Bookman, 2ª ed. 2004.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. Pedagogia da corporeidade: o decifrar e o subjetivar na educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 7, n. 13, p. 15-30, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3255/2874>. Acesso em: 07 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.3255>.

KOVACS, Helena; TINOCA, Luís. Unfreeze the pedagogies: introduction of a new innovative measure in Portugal. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 10, n. 23, p. 73-86, 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7446/pdf>. Acesso em: 07 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i23.7446>

MAGALHÃES, Carla N. **A docência no ensino superior**: um olhar fenomenológico a partir da percepção dos professores da Universidade Federal de Sergipe. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo/SP. Editora Martins Fontes, 2014.

MOREIRA, Daniel A. **O método fenomenológico da pesquisa**. São Paulo: Pioneira: Thomson Learning, 2002.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da. Currículo, Transgressão e Diálogo: quando Outras Possibilidades se Tornam Necessárias. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 9, n. 18, p. 45-54, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4962/4097>. Acesso em: 07 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4962>.

MORGADO, José Carlos. O professor como decisor curricular: de ortodoxo a cosmopolita. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 9, n. 18, p. 55-64, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4964/4098>. Acesso em: 07 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4964>.

OLWEUS, Dan. Aceso Escolar, **"Bullying", em las Escuelas**: Hechos e Intervenciones. Centro de investigación para la Promoción de la Salud, Universidad de Bergen, Noruega, 1993.

Oliveira, A. M.; Gerevini, A. M.; Strohschoen, A. A. G. Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. **Revista Tempos E Espaços Em Educação**, v. 10, n. 22, p. 119-132, 2017. <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i22.6429>.

PACHECO, José Augusto; SOUSA, Joana. O (pós) crítico na Desconstrução Curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 9, n. 18, p. 65-74, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4971/4105>. Acesso em: 07 jul. de 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4971>.

PEDRO, Neuza. Ambientes educativos inovadores: o estudo do fator espaço nas 'salas de aula do futuro' portuguesas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 10, n. 23, p. 99-108, 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/7448>. Acesso em: 07 jul. de 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i23.7448>.

REZENDE, Antônio M. **Concepção fenomenológica da Educação**. Campinas/SP. Cortez: Autores Associados (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.38), 1990.

ROLIM, Marcos. **Bullying: o pesadelo da escola**. Rio Grande do Sul/RS. Editora Dom Quixote, 2010.

RUDD, Tim; GOODSON, Ivor F. Refraction as a tool for understanding action and educational orthodoxy and transgression. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 9, n. 18, p. 99-110, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4968>. Acesso em: 07 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4968>.

SANTOS, Luiz A. M. Educação, cultura e corporeidade: um olhar a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.7, número 13 mai/ago, p.165-175.. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, UFS, 2014. ISSN 1983-6597. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v0i0.3257>> Acesso em: 31 de outubro de 2019.

SANTOS, Thayse E.M.; JÚNIOR, Francisco O.B. *Bullying* e adolescência: experiência em uma escola pública de Teresina-PI. **Revista FSA – Teresina/PI** – n.9, p.1-6, jan/jul 2012. ISSN 1806-6356. Disponível em: <www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/10/6> Acesso em 06 de maio de 2016.

SILVA, Ana B.B. **Bullying: mentes perigosas na escola**. São Paulo, SP. 2ª ed. Editora Globo, 2015.

SILVA FILHO, Aniceto C. Para Quê Fenomenologia “da” Educação e “na” Pesquisa Educacional? In: **Revista Trilhas do Centro de Ciências Humanas e Educação**. v. 8 nº 17, p. 1-13 julho de 2006. ISSN 1518-2290. Disponível em: <www6.unama.br/ser/index.php/trilhas/issue/current> Acesso em: 11 de junho de 2019.

SILVA, Saskia L.B.; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Desempenho Motor, Imagem Corporal e *Bullying* Escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.7, número 13 mai/ago, p.45-54.. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, UFS, 2014. ISSN 1983-6597. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3257> > Acesso em: 31 de outubro de 2019.

SOUSA, Jesus Maria. Repensar o currículo como emancipador. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 9, n. 18, p. 111-120, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4969>. Acesso em: 07 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4969>.

ULJENS, M. Non-Affirmative curriculum theory in a cosmopolitan era? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão - SE, v. 9, n. 18, p. 121-132, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4970>. Acesso em: 21 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4970>.

SOBRE OS AUTORES

Elcio Rezek Leopoldino

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da Faculdade do Nordeste da Bahia, Brasil. Membro do grupo de pesquisa Formação e Atuação de Educadores – INTERAÇÃO.

E-mail: elrezek@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0303-3081>

Luiz Anselmo Menezes Santos

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor Associado do Departamento de Educação Física da UFS-Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Coordenador do grupo de pesquisa Formação e Atuação de Educadores - INTERAÇÃO.

E-mail: luizanselmomenezes@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5857-9420>

Iraquitan Oliveira Caminha

Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain. Professor titular do Departamento de Educação Física, UFPB, Brasil. Professor do Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB. Membro do ESTESIA - GRUPO DE PESQUISA CORPO, FENOMENOLOGIA E MOVIMENTO.

E-mail: caminhairaquitan@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0840-9727>

Recebido em: 10/04/2020

Aprovado em: 02/07/2020

Publicado em: 22/07/2020